

Jesus e Paulo dentro do Judaísmo: Abordagens históricas e perspectivas recentes

*Pedro Silva*¹

Resumo: O artigo discute as diversas abordagens históricas e perspectivas contemporâneas acerca das relações entre Jesus, Paulo e o judaísmo, explorando as maneiras atuais pelas quais os estudiosos estão examinando o contexto histórico do(s) judaísmo(s) do segundo templo e sua influência no desenvolvimento do movimento de Jesus. O foco central do artigo é a apresentação das perspectivas “Jesus dentro do judaísmo” e “Paulo dentro do judaísmo”. Essas abordagens propõem que tanto Jesus quanto Paulo permaneceram fiéis à Torá e não romperam com o judaísmo.

Palavras-chave: Jesus, Paulo, judaísmo primitivo, cristianismo primitivo, pós-supersessionismo.

Abstract: The article discusses the various historical approaches and contemporary perspectives regarding the relationships between Jesus, Paul, and Judaism, exploring the current ways in which scholars are examining the historical context of Second Temple Judaism(s) and its influence on the development of the Jesus movement. The central focus of the article is the presentation of the perspectives "Jesus within Judaism" and "Paul within Judaism". These approaches propose that both Jesus and Paul remained faithful to the Torah and did not break with Judaism.

Keywords: Jesus, Paul, early Judaism, early Christianity, post-supersessionism.

1. Introdução

O Verme, Cristo, Destruiu o Judaísmo. Deus designou um ‘verme’ para ferir a planta. Isso significa que Cristo apareceu com seu evangelho em um momento em que os judeus se vangloriavam de que somente eles eram o povo de Deus. Ele atacou a planta selvagem, ou seja, pregou contra ela e aboliu a Lei por meio de Seu Espírito Santo e nos libertou da Lei e de seu poder. Portanto, o judaísmo murchou e decaiu em todo o mundo.²

Desde o período do Shoá, muitos cristãos têm se tornado cada vez mais conscientes do perigo do antijudaísmo e antissemitismo no pensamento cristão. Como resultado, nas últimas cinco décadas, uma grande parte dos estudos neotestamentários tem revisto suas metodologias e visões sobre o judaísmo no primeiro século. Nesse sentido, dois livros publicados na década de 70 se destacaram por suas importantes contribuições e influência na academia de estudos

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória-ES. Membro do grupo (Ginosko) de estudos avançados em NT do Seminário Teológico Jonathan Edwards. E-mail: pedro37eze@gmail.com

² Lutero, Sermon on the Cross and Passion of Christ. Fortress Press. Martin Luther: Selection of Christian Writings. Minneapolis, 2007. p. 329-330.

neotestamentários e suas pesquisas subsequentes: "Jesus the Jew" (1973), de Geza Vermes, e "Paul and Palestinian Judaism" (1977), de E.P. Sanders. O objetivo desta pesquisa é apresentar os avanços que vêm ocorrendo nas pesquisas sobre a judaicidade de Jesus e como esses avanços influenciaram as pesquisas sobre Paulo. Um dos focos principais será na apresentação das principais premissas da perspectiva mais recente na academia de estudos paulinos, conhecida como "Paulo dentro do Judaísmo". Essa abordagem propõe que o apóstolo Paulo permaneceu como um judeu devoto e que sua teologia não representou uma ruptura com o judaísmo, mas sim uma interpretação inovadora da fé em Jesus dentro do contexto judaico diversificado do segundo templo.

2. Terceira Busca do Jesus Histórico e a Ênfase na Judaicidade de Jesus

Os primeiros estudiosos do Jesus histórico enxergavam nitidamente uma clara antítese entre Jesus e o judaísmo³. No entanto, desde o trabalho de Vermes, tem se tornado comum enfatizar que Jesus era judeu. Essa ênfase cresceu consideravelmente graças ao desenvolvimento da terceira busca pelo Jesus histórico e à revalorização da identidade de Jesus como judeu, bem como à necessidade de compreendê-lo no contexto do judaísmo do primeiro século. Desde então, a atenção da pesquisa se voltou para o mundo sociocultural de Israel no século I. Compreendendo-se melhor o mundo judaico no qual Jesus e os apóstolos estavam imersos, abrem-se novas possibilidades para compreensão também da cristologia. Dois dos principais nomes da terceira busca pelo Jesus histórico são certamente James Dunn e N.T. Wright. Para Wright: "Jesus deve ser compreendido como um pleno, mas ainda, judeu do primeiro século passível de ser crucificado, seja qual forem as consequências teológicas e hermenêuticas disso"⁴. Portanto, a mensagem de Jesus é avaliada pelo seu significado que ela deve ter tido a luz da sua audiência judaica do primeiro século.

No entanto, a questão do quão judeu Jesus era ainda é bastante debatida.⁵ Desde então esse tem sido um dos principais pontos da discussão, o "*quão judeu Jesus era?*"⁶. Alguns como John Dominic Crossan veem um nítido contraste do Jesus judeu com o judaísmo normativo dos seus dias "Jesus se via como o 'opponente funcional, alternativo e substituto' do

³ Veja Hermann Samuel Reimarus, *Fragments*, trans. Ralph S. Fraser, ed. Charles H. Talbert (Chico, CA: Scholars Press, 1970), 100–101; Ernest Renan, *The Life of Jesus* (New York: Modern Library, 1927), 224; Adolf von Harnack, *What Is Christianity?*, trans. Thomas Bailey Saunders (Philadelphia: Fortress, 1957); John Dominic Crossan, *The Historical Jesus: The Life of a Mediterranean Jewish Peasant*.

⁴ Wright, *Jesus and the Victory of God* (Fortress Press, 1994) 396–98.

⁵ Veja Wright falando de "um Jesus judeu que se opunha a algumas características de alto perfil do judaísmo do primeiro século, portanto não era tão judeu assim" em *Jesus and the Victory of God* (Minneapolis: Fortress, 1997) 93.

⁶ Meier, *Um Judeu Marginal V. 2 - Livro 1* (Imago Editora, 2003) 78.

templo judaico em Jerusalém”.⁷ Embora N.T. Wright seja reconhecido por suas valiosas contribuições para a pesquisa da judaicidade de Jesus, é importante destacar que ele também defende a ideia de que Jesus era, em certa medida, um "judeu anômalo":

Jesus atacou implicitamente e explicitamente o que havia se tornado símbolos padrões da cosmovisão judaica do período do segundo templo; ele os via não como ruínas em si mesmos, mas como ultrapassados, pertencentes ao período anterior à vinda do reino e a serem descartados agora que o novo dia havia raiado.⁸

Uma das principais justificativas para os estudiosos quase sempre perceberem Jesus como um “judeu anômalo” são (a) suas interações com as leis de pureza, (b) seus ensinamentos sobre as leis alimentares. Para eles, pelo menos um aspecto central da vida judaica – a pureza ritual e o culto no templo – perpetuava um sistema social injusto que Jesus procurou superar. A esta luz, Jesus representa a igualdade, enquanto o judaísmo representa a desigualdade. Comentando sobre esse contraste da liberdade de Jesus com o sistema de pureza ritual, Paula Fredriksen alega que “isso é apenas apologética religiosa disfarçada de pesquisa histórica, essa é uma caricatura gerada por abstrações, por meio das quais um conjunto de atributos politicamente e eticamente agradáveis definem tanto Jesus (igualitário, atencioso) quanto, negativamente, a maioria de seus contemporâneos judeus”.⁹

De acordo com a interpretação tradicional, a relação de Jesus com as leis alimentares implica uma oposição entre impureza ritual e imoralidade, sugerindo que ele teria rejeitado as leis dietéticas e a pureza levítica em favor do comportamento moral.¹⁰ No entanto, críticas constantes à visão tradicional têm resultado em reavaliações.¹¹ Abordagens em evolução buscam propor que os textos de Jesus devem ser interpretados como debates sobre a aplicação

⁷ Crossan, *Historical Jesus* (HarperOne, 2010) 355.

⁸ Wright, *Jesus and the Victory of God* (Fortress Press, 1994) 93.

⁹ Fredriksen, P. (1995). What You See is What You Get: Context and Content in Current Research on the Historical Jesus. *Theology Today*, 52(1), 75–97. <https://doi.org/10.1177/004057369505200107>.

¹⁰ Veja Wright, "The Meal Jesus Gave Us: Understanding Holy Communion" (Westminster John Knox Press, 2002). Wright afirma que “o alimento e a mesa são temas importantes na Bíblia, e o judaísmo tinha suas próprias leis e práticas em torno desses temas. Mas em Jesus, vemos algo novo acontecendo. As leis alimentares e outras práticas judaicas não são mais a base para a comunhão com Deus e com os outros”. Veja também N. T. Wright, *Jesus and the Victory of God*, 396–398, onde Wright novamente defende que Jesus revogou as leis alimentares. Veja também Räisänen, “Jesus and the Food Laws”; J. Meier, *Um Judeu Marginal*, 4:359; Veja também L. W. Hurtado, *Mark* (NIBC; Peabody, 1989), Hurtado afirma que “o ensinamento de Jesus não apenas questiona uma característica importante da prática religiosa judaica tradicional, mas também rescinde um grande corpo de material do Antigo Testamento que lida com tais leis rituais”, 111-12.

¹¹ Veja Sanders, *Jesus and Judaism* (Fortress Press, 1985), 264–67, Sanders argumenta que o Jesus histórico manteve as leis alimentares. Confira Fredriksen, “Did Jesus Oppose Purity Laws?” (*Harvard Theological Review* 94, no. 3, 2001); Rudolph, “Jesus and the Food Laws: A Reassessment of Mark 7:19b” (*Evangelical Quarterly* 74:4, 291–311); Wassen, “The Jewishness of Jesus and Ritual Purity.” *HTS Theologiese Studies/Theological Studies* 68, no. 1 (2012); Van Maaren, “Does Mark’s Jesus Abrogate Torah? Jesus’ Purity Logion and its Illustration in Mark 7:15–23”.

adequada das leis dietéticas por conta dos fariseus estarem colocando suas tradições acima da Torá. Essas reavaliações procuram rejeitar a ideia de que Jesus era um oponente da tradição judaica e sugere que, na verdade, ele estava profundamente envolvido no debate interno da comunidade judaica sobre a interpretação adequada da Torá.¹²

Em contraste com a percepção de um Jesus “judeu, mas não tão judeu assim”, varios biblistas¹³ vem enfatizando a continuidade entre os ensinamentos de Jesus e os de seus companheiros judeus, sendo assim, procurando colocar Jesus dentro do judaísmo, não contra ele, e não procurando causar sua morte. Visualizando Jesus como um "judeu judeu", ou seja, um judeu praticante que estava profundamente imerso na tradição judaica e nas práticas halaquicas do seu tempo. Em vez de vê-lo como um judeu "marginal" ou "anômalo", esses pesquisadores afirmam que Jesus deve ser compreendido dentro do amplo espectro de práticas e crenças do(s) judaísmo(s) do Segundo Templo. Em apoio a essa perspectiva, a professora Amy-Jill Levine argumenta que Jesus não era um crítico de sua tradição, mas sim um judeu devoto que estava comprometido em aprimorar e aprofundar a compreensão e prática da Torá¹⁴. Os estudiosos que defendem a perspectiva de "Jesus dentro do judaísmo" consideram a grande diversidade e riqueza do(s) judaísmo(s) do primeiro século como um importante parâmetro para entender Jesus como alguém que ainda estava dentro dos limites de suas tradições ancestrais. Nesse sentido, a estudiosa Jen Rosner destaca que:

Quando Jesus discorda ou se opõe a outras figuras de autoridade judaicas de sua época, somos rápidos em supor que ele estava deixando de lado o judaísmo e fundando uma coisa nova chamada cristianismo. No entanto, fazer isso é desconsiderar a realidade de que o judaísmo sempre foi sobre judeus discutindo sobre como aplicar e interpretar adequadamente a palavra e os mandamentos de Deus. Há um velho ditado: “Dois judeus, três opiniões”, e isso é bem verdade sobre a existência judaica ao longo dos séculos. A esse respeito, uma compreensão adequada do judaísmo nos permite reimaginar o relacionamento de Jesus com ele;

¹² Os debates sobre a relação de Jesus com as leis alimentares kosher têm sido amplamente centrados em torno de Marcos 7:19b. Os defensores das leis alimentares normalmente apresentam duas propostas para explicar essa passagem. A primeira proposta sugere que a retórica de Jesus em Marcos 7 é sobre a direção da impureza, e não sobre a pureza dos alimentos em si. Essa interpretação é fundamentada no debate farisaico sobre lavagem das mãos antes das refeições. Sobre isso veja Matthew Thiessen. *Jesus and the Dietary Laws - Appendix - Jesus and The Forces of Death* (Baker Academic, 2020). A segunda proposta argumenta que Marcos 7:19b é uma inserção editorial destinada a justificar a isenção dos gentios das leis dietéticas de Levítico 11. Com o contexto de Atos 15, a passagem é compreendida como uma questão de aplicação haláquica para os gentios, e não como uma declaração apocalíptica de que todos os alimentos agora são puros. Sobre isso veja Rudolph, *Jesus and the Food Laws: A Reassessment of Mark 7:19b*. *Evangelical Quarterly* 74:4, pg 291-311.

¹³ Joseph Klausner, David Flusser, Geza Vermes, Paula Fredriksen, Amy-Jill Levine, Anders Runesson, David Rudolph, Matthew Thiessen, Cecilia Wassen, Isaac W. Oliver, John Van Maaren, Jen Rosner.

¹⁴ Amy-Jill Levine, *The Misunderstood Jew: The Church and the Scandal of the Jewish Jesus* (HarperOne, 2009) 154.

ele não estava acabando com ele, ele estava mostrando como, através dele, o judaísmo estava sendo apresentado da maneira que os profetas predisseram.¹⁵

O desenvolvimento do diálogo religioso entre judeus e cristãos vem produzindo uma nova corrente acadêmica chamada de "Jesus dentro do judaísmo" (ou "Jesus within Judaism") que tem surgido como resultado dessas reavaliações. Seu principal objetivo é analisar os evangelhos canônicos (Mateus¹⁶, Marcos¹⁷, Lucas¹⁸ e João¹⁹) a partir de uma perspectiva judaica do primeiro século. Essas pesquisas utilizam uma metodologia que envolve a análise de tradições judaicas, literaturas e práticas culturais do segundo templo que influenciaram os autores dos evangelhos canônicos. O objetivo é compreender como esses autores entenderam e apresentaram Jesus em seu contexto histórico e cultural judaico do primeiro século. Portanto, para esses estudiosos, Jesus como um bom judeu de seus dias, estava preocupado em guardar a lei de forma adequada e em fazer argumentos legais sobre por que ele a mantinha da maneira que fazia. Conforme os estudos sobre o judaísmo do primeiro século vão se desenvolvendo e tendo progressos, mais ainda vão se criando pressupostos para a defesa de um Jesus dentro do Judaísmo.

As pesquisas sobre a judaicidade de Jesus são extremamente relevantes tanto para os cristãos quanto para os judeus, pois oferecem uma visão mais precisa e contextualizada da figura de Jesus e de sua mensagem. De fato, Barbara Meyer destaca que compreender o judaísmo de Jesus é crucial para entender a natureza do Deus de Israel, enquanto que ignorar essa dimensão pode levar a uma concepção distorcida e abstrata de Deus.²⁰ As pesquisas "Jesus dentro do judaísmo" representam uma importante oportunidade de estabelecer um diálogo construtivo e respeitoso entre as tradições religiosas e culturais que compõem a

¹⁵ Jen Rosner, *Finding Messiah: A Journey into the Jewishness of the Gospel* (IVP, 2022) 63.

¹⁶ (Ed. Runesson e Gurtner), *Matthew within Judaism: Israel and the Nations in the First Gospel* (SBL Press, 2020); Goldstone, *The Structure of Matthew's Antitheses in Light of Early Jewish, Christian and Rabbinic Sources* (Journal for the Study of the New Testament, 2017); Cruise, *A Methodology For Detecting and Mitigating Hyperbole in Matthew 5:38-42*; Em breve Runesson, "Reading Matthew After Supersessionism" (New Testament after Supersessionism Series).

¹⁷ Van Maaren, "The Gospel of Mark within Judaism: Reading the Second Gospel in its Ethnic Landscape." P.h.D thesis, McMaster University, 2019; Em breve Vered, "Reading Mark After Supersessionism" (New Testament after Supersessionism Series).

¹⁸ Isaac W. Oliver, "Luke's Jewish Eschatology: The National Restoration of Israel in Luke-Acts" (Oxford University Press, 2021); Oliver, "Torah Praxis after 70 C.E.: Reading Matthew and Luke-Acts as Jewish Texts." P.h.d thesis (University of Michigan, 2012); Kinzer, "Jerusalem Crucified, Jerusalem Risen: The Resurrected Messiah, the Jewish People, and the Land of Promise" (Cascade Books, 2018); Moraff, "Children of the Prophets and the Covenant": A Post-Supersessionist Reading of Luke-Acts" (Religions 14:120, 2023). Em breve Rudolph e Kinzer, "Reading Luke-Acts After Supersessionism" (New Testament after Supersessionism Series).

¹⁹ Cirafesi, "John within Judaism Religion, Ethnicity, and the Shaping of Jesus-Oriented Jewishness in the Fourth Gospel" (Brill, 2021).

²⁰ Barbara Meyer, "Jesus the Jew in Christian Memory: Theological and Philosophical Explorations" (Cambridge University Press, 2020) 72.

história do cristianismo e do judaísmo. Essas investigações podem contribuir significativamente para a compreensão do contexto histórico e cultural em que Jesus viveu e pregou, bem como para o aprofundamento da relação entre as duas tradições.

Além disso, o estudo do judaísmo de Jesus pode desempenhar um papel relevante no combate ao antissemitismo. Infelizmente, a história do cristianismo está repleta de episódios de discriminação, perseguição e violência contra os judeus, muitas vezes justificados por interpretações equivocadas das Escrituras e da figura de Jesus.²¹ Ao reconhecer e valorizar a judaicidade de Jesus, os cristãos podem desenvolver uma relação mais positiva e construtiva com o judaísmo, baseada no diálogo, na compreensão mútua e no respeito às diferenças.

3. NPP e os avanços nos estudos sobre o Judaísmo do Segundo Templo

A(s) Nova(s) Perspectiva(s) sobre Paulo (NPP) é uma abordagem da academia de Novo Testamento, que busca interpretar as cartas paulinas em consonância com a compreensão do judaísmo do primeiro século, levando em consideração seus próprios termos. Desde a Reforma Protestante, a leitura dos escritos de Paulo tem sido amplamente influenciada pelos pontos de vista dos reformadores, que atribuíam os atributos negativos que associavam ao catolicismo romano do século XVI ao Judaísmo do Segundo Templo. Essas perspectivas históricas protestantes sobre Paulo são conhecidas como "a velha perspectiva" ou "perspectiva luterana" pelos defensores da NPP. A NPP representa uma resposta à perspectiva da Reforma sobre Paulo, ou seja, a interpretação luterana tradicional.²² Os apoiadores da NPP defendem que houve uma interpretação equivocada de Paulo ao longo dos séculos, que gerou uma representação desonesta do judaísmo na tradição cristã:

- Graça x legalismo
- Fé x obras

²¹ Veja "The Cambridge Companion to Antisemitism" (Cambridge 2022), Carroll, "Constantine's Sword: The Church and the Jews--A History" (Mariner Books, 2002); Michael L. Brown, "Our Hands Are Stained with Blood: The Tragic Story of the Church and the Jewish People" (Destiny 2019); Soulen, "The God of Israel and Christian Theology" (Augsburg Fortress, 1996); Korn, "The Church in the Jews" em "Understanding the Jewish Roots of Christianity: Biblical, Theological, and Historical Essays on the Relationship Between Christianity and Judaism" (Lexham Press, 2021); Joel Richardson, "Quando um Judeu Governar o Mundo: O que a Bíblia realmente diz sobre Israel no Plano de Deus" (Impacto Publicações & ABase, 2019); Igor Sabino, "Por amor aos patriarcas: reflexões brasileiras sobre antissemitismo e sionismo cristãos" (Editora 371, 2020).

²² A perspectiva tradicional luterana entende que Paulo em suas cartas está argumentando contra uma cultura judaica legalista que busca ganhar sua salvação por meio de obras. Confira David A. deSilva, "The Letter to the Galatians : The New International Commentary on the New Testament" (Eerdmans, 2018) 33.

- Evangelho x lei
- Cristianismo x judaísmo

Krister Stendahl foi um dos primeiros a desafiar a perspectiva tradicional de que Paulo era um cristão proto-luterano. Em 1963, ele publicou o artigo "The Apostle Paul and the Introspective Conscience of the West", seguido por seu livro "Paul Among Jews and Gentiles and Other Essays" em 1977, argumentando que a visão luterana típica da teologia de Paulo não estava alinhada com suas próprias declarações escritas e baseada em suposições incorretas sobre suas crenças. Embora tenha sido um pastor luterano e mais tarde bispo da Igreja Luterana da Suécia, seus pontos de vista foram percebidos como uma ameaça à teologia protestante, limitando seus efeitos a curto prazo na comunidade acadêmica.

No entanto, em 1977, a publicação do livro "Paul and Palestinian Judaism" por E.P. Sanders foi um marco na área de estudos paulinos, causando uma grande inovação na academia. Desde então, existe uma notável distinção entre o "antes" e "depois" da obra. Sanders desafiou a perspectiva cristã predominante, argumentando que a visão tradicional do judaísmo como uma religião baseada em "obras" estava equivocada e era preconceituosa. Esta visão tradicional contrastava o judaísmo como uma religião baseada em obras, enquanto o Cristianismo como sendo a religião da fé; o judaísmo como uma religião legalista, enquanto o Cristianismo como a religião da graça. Sanders contestou esses estereótipos e afirmou que o judaísmo do Segundo Templo não era caracterizado pelo legalismo, e que os judeus não acreditavam que sua justificação seria determinada por suas obras. Ele defendeu que o judaísmo era, na verdade, uma religião da graça²³. De acordo com Sanders, o judaísmo do primeiro século não era mero 'legalismo', nem era orientado para a "salvação pelas obras". Como povo escolhido de Deus, eles estavam sob sua aliança. Sanders conclui que os judeus se apoiavam no que ele chamou de "nomismo da aliança":

O 'padrão' ou a 'estrutura' do nomismo da aliança é a seguinte: (1) Deus escolheu Israel e (2) entregou a lei. A lei implica (3) a promessa de Deus de manter a eleição e (4) a exigência da obediência. (5) Deus recompensa a obediência e pune a transgressão. (6) A lei prevê os meios de redenção, que resultam na (7) preservação ou no restabelecimento da relação pactual. (8) Todos aqueles que permanecem na aliança por obediência, expiação e misericórdia de Deus pertencem ao grupo que será salvo. Uma interpretação importante do primeiro e do último ponto é que a eleição e principalmente a salvação são consideradas fruto da misericórdia de Deus, e não da ação humana.²⁴

²³ E.P. Sanders, "Paul and Palestinian Judaism :40th Anniversary Edition" (Fortress Press, 2017) 543.

²⁴ Ibidem, pág 75.

Sanders sustenta que, contrariando a crença convencional, seguir a lei não era um meio para entrar na aliança, mas sim uma forma de permanecer nela. Stephen Westerholm, ao comentar sobre a relevância do livro de Sanders para os estudos paulinos, expressou o seguinte:

A contribuição mais importante do livro, eu suspeito, será que ele banirá pelo menos algumas das piores caricaturas do Judaísmo da discussão por um longo tempo. Mesmo que nem todos leiam o livro, sua reputação se espalhará. E os estudiosos, sem dúvida, hesitarão antes de dizer qualquer coisa que possa levar um ouvinte consciente a sussurrar nada muito baixo para seu vizinho que balança a cabeça: “Ele obviamente não leu E.P. Sanders.”²⁵

A obra de Sanders teve uma grande influência em N.T. Wright e James Dunn, que seguiram desafiando a perspectiva tradicional luterana. No entanto, apesar de terem sido influenciados pelo trabalho de Sanders, suas interpretações diferem em vários aspectos e nunca houve consenso entre eles. N.T. Wright foi o primeiro a empregar o termo "Nova Perspectiva sobre Paulo" em sua palestra na Tyndale University em 1978.²⁶ Entretanto, o termo só se tornou conhecido depois de James Dunn usá-lo como o título de uma de suas palestras em 1982.²⁷ Enquanto Wright é o principal responsável por popularizar a NPP fora de ciclos acadêmicos graças a seus diversos livros publicados, James Dunn é um dos principais nomes que popularizaram a NPP na Academia.

Um dos principais motivos pelos quais a NPP é recebida com estranheza e rejeição em círculos reformados e evangélicos é devido às abrangentes implicações que surgiram com a desconstrução da antiga concepção "Paulo luterano reformado" acerca da doutrina da justificação.²⁸

4. Paulo dentro do Judaísmo

A perspectiva mais recente sobre Paulo é conhecida como "Paulo dentro do Judaísmo" ou, em inglês, "Paul within Judaism". Embora tenha apenas uma ou duas décadas, essa perspectiva foi formalmente apresentada na reunião anual da Society for Biblical Literature

²⁵ Stephen Westerholm, 1979.

²⁶ Wright, "Justification: God's Plan Paul's Vision" (IVP Academic, 2016) 11-12.

²⁷ Dunn, "A Nova Perspectiva sobre Paulo" (Paulus Editora, 2011) 95.

²⁸ Para uma análise das implicações da NPP para a doutrina da justificação, veja Dunn, "A Nova Perspectiva sobre Paulo" (Paulus Editora, 2011); Wright, "Justification: God's Plan Paul's Vision" (IVP Academic, 2016). Confira também Neil Martin, "Galatians Reconsidered: Jews, Gentiles, and Justification in the First and the Twenty-First Centuries" (Apollos, 2022). Martin apresenta uma abordagem que busca conciliar os pontos de vista da Paul Within Judaism e da perspectiva evangélica sobre a doutrina da 'justificação pela fé'. Este seu livro é uma síntese da sua tese de doutorado, "Forward to the past: regression in Galatians" (Oxford, 2019).

(SBL) em 2010, cujo tema era "Paulo e o Judaísmo". Na ocasião, vários ensaios foram apresentados como papers, e outros tantos continuaram a ser apresentados nas sessões anuais subsequentes. A metodologia da PwJ é desenvolvida com base nos avanços das pesquisas que vêm ocorrendo nas áreas de Estudos Comparativos de Religiões, Estudos do Judaísmo do Segundo Templo, Cristianismo Primitivo e Estudos de Raça e Etnia na Antiguidade Clássica.

É claro que outras abordagens mais recentes desenvolvidas nos últimos quarenta anos influenciaram a metodologia da Paulo dentro do Judaísmo. Entretanto, a PwJ não se considera dentro da NPP ou uma perspectiva contrária a ela, pelo contrário, a Paulo dentro do Judaísmo é um desenvolvimento da desconstrução de algumas caricaturas a respeito do antigo judaísmo. A perspectiva deve muito aos insights de vários estudiosos que compartilham algumas premissas, incluindo Stendahl, Sanders, Dunn e outros. Além disso, é importante destacar os pontos de vista desenvolvidos por aqueles que esboçaram algumas de suas ideias-chave, como George Foot Moore, Hans Joachim Schoeps, W. D. Davies e Pinchas Lapide, para citar alguns dos mais importantes. Boccaccini, por sua vez, apresenta de maneira própria as convicções fundamentais da perspectiva Paulo dentro do Judaísmo:

Um novo paradigma está surgindo hoje com a Paulo dentro do Judaísmo - um paradigma que visa redescobrir totalmente o judaísmo de Paulo enquanto enfatiza que Deus também não rejeitou sua aliança com o povo judeu. (Rm 11:1; Fp 3:5).²⁹

É importante ressaltar também que a perspectiva "Sonderweg" ou "duas alianças", que encontra nas cartas de Paulo a crença em um "caminho especial" para os não-judeus se envolverem na salvação por meio de Cristo, bem como a salvação de judeus ocorrendo através da aliança histórica do Sinai com Israel, é uma fonte utilizada da Paulo dentro do Judaísmo. Essa visão, iniciada por Lloyd Gaston, John G. Gager e Stanley K. Stowers, é defendida por alguns proponentes da Paulo dentro do Judaísmo, mas não por todos. Os proponentes mais recentes da PwJ vem rejeitado veementemente a Sonderweg.

A PwJ tem sido alvo de considerável atenção acadêmica tanto de apoiadores quanto de críticos, devido às suas releituras ousadas. Embora não seja um defensor da PwJ, Brant Pitre reconhece que essa perspectiva é um dos avanços mais significativos nos estudos paulinos nos últimos anos.³⁰ Um estudioso que segue a perspectiva da PwJ pode ser definido como aquele que se identifica com essa abordagem ou foi reconhecido como tal por outros especialistas. Este grupo possui um núcleo interno que se reúne regularmente nas sessões da SBL (Society

²⁹ "Paul the Jew: Rereading the Apostle as a Figure of Second Temple Judaism" (Fortress Press, 2016) 11.

³⁰ Brant Pitre, "Perspectiva Católica Romana em resposta a Zetterholm," em "Perspectivas sobre Paulo, Cinco pontos de vista", editado por Scot McKnight e B. J. Oropeza (Thomas Nelson Brasil 2021) 194–200.

for Biblical Literature). Ao longo dos anos, muitos outros estudiosos aderiram a essa perspectiva por meio de publicações de artigos ou livros, embora os limites externos possam ser um pouco confusos em relação a quem incluir. Entre os colaboradores mais prolíficos estão William S. Campbell, Kathy Ehrensperger, Neil Elliott, Pamela Eisenbaum, Paula Fredriksen, Caroline Johnson Hodge, Mark D. Nanos, Matthew V. Novenson, David J. Rudolph, Anders Runesson, Matthew Thiessen, J. Brian Tucker, Magnus Zetterholm, Karin Hedner Zetterholm, Andrew Rillera, Ryan Collman e Ralph J. Korner.

Eisenbaum ao escrever sobre o grupo de estudiosos colaboradores da PwJ, afirma o seguinte: “O que compartilhamos é a mesma orientação básica em relação a Paulo”.³¹ A PwJ é uma perspectiva que apresenta pressupostos e características principais compartilhadas, mas que também conta com divergências entre os estudiosos. Embora haja uma forte representação nos Estados Unidos, Canadá e Escandinávia, o número de publicações ainda é limitado em comparação com outras perspectivas anteriores. Devido aos debates centrados em círculos acadêmicos, grande parte das publicações são apresentadas em papers e artigos, com poucas delas sendo transformadas em livros. Embora nem todos os estudiosos sigam essa tendência, a maioria deles escreveu sobre Romanos, já que essa é uma seção de grande importância para a perspectiva, especialmente os capítulos 9-11.

É importante esclarecer que os estudiosos da PwJ não possuem qualquer compromisso com o sionismo, nem se preocupam em tomar partido em relação aos conflitos envolvendo Israel e Palestina. No entanto, vários estudiosos da PwJ argumentam que sua perspectiva tem uma missão clara para os tempos atuais: fornecer uma leitura pós-supersessionista de Paulo.³² Alguns desses acadêmicos fazem parte da Society for Post-Supersessionist Theology.³³ o que destaca a importância da PwJ em reavaliar o judaísmo contínuo de Paulo e o papel do povo judeu como o povo da aliança de Deus, mesmo após o evento de Cristo, sem ser substituído pela Igreja. Muitos estudiosos argumentam que enfatizar um Paulo judeu é uma forma de combater o antissemitismo nos dias de hoje. Essa abordagem acadêmica de reinterpretar Jesus

³¹ Eisenbaum, “Paul Was Not a Christian” (HarperOne, 2019) 250; Zetterholm, “Paul within Judaism: Restoring the First-Century Context to the Apostle” (Fortress Press, 2015) 176.

³² Tucker, “Reading Romans after Supersessionism: The Continuation of Jewish Covenantal Identity: New New Testament after Supersessionism Series (Cascade Books, 2018) 245.

³³ The Society for Post-Supersessionist Theology, é uma sociedade de estudiosos que entendem o pós-supersessionismo como uma família de perspectivas teológicas que afirmam a aliança irrevogável de Deus com o povo judeu como uma parte central e coerente do ensino eclesial. A lista dos principais membros e amigos da Society for Post-Supersessionist Theology compõe: Mark Nanos, R. Kendall Soulen, Mark Kinzer, David Rudolph, Gerald McDermott, Craig Blaising, Jen Rosner, Isaac Oliver, Anders Runesson, J. Brian Tucker, Katherine Sonderegger e Craig Keener. Confira <https://www.spostst.org/>

e Paulo dentro do contexto judaico resultou na criação da série de monografias intitulada "New Testament After Supersessionism".³⁴

Embora a Nova Perspectiva em Paulo tenha trazido avanços significativos ao contestar a falsa e preconceituosa antítese que dominou os estudos paulinos até meados do século XX - que retratava o Judaísmo como uma religião legalista e o Cristianismo como uma religião da graça - os defensores da PwJ argumentam que a NPP não vai longe o suficiente. Isso porque tanto as perspectivas "novas" quanto as "tradicionais" ainda retratam Paulo de alguma forma se opondo, rompendo ou deixando o judaísmo.

Para os defensores da PwJ, o erro comum das perspectivas "novas" e "tradicionais" é que ambas consideram Paulo como o fundador de um novo movimento chamado "Cristianismo". Embora esse termo possa não ser usado, os intérpretes da NPP muitas vezes falam de Paulo fundando um "novo movimento religioso" que é "construído sobre a convicção de que há algo fundamentalmente, essencialmente 'errado' com e dentro do judaísmo".

Para a PwJ, a NPP não conseguiu se livrar dos aspectos mais depreciativos da leitura tradicional (Luterana) de Paulo porque não desafiou a visão de Paulo como defensor de um novo modelo supersessionista de relações entre Deus e a humanidade. Esse modelo coloca a graça de Deus "em Cristo" como substituta da aliança judaica para judeus e gentios, criando uma *tertium genus* (terceira raça) separada.

Os principais pontos de ruptura entre a NPP e a PwJ são (para os proponentes da PwJ) que os defensores da Nova Perspectiva defendem que Paulo encontrou dois problemas intrínsecos no Judaísmo:

- Etnocentrismo Nacionalista

³⁴ The New Testament after Supersessionism (Cascade Books) é uma série de comentários bíblicos que apresentam interpretações pós-supersessionistas do Novo Testamento. O pós-supersessionismo rejeita interpretações da nova aliança que envolvem a revogação ou obsolescência da aliança de Deus com o povo judeu, assim como a revogação ou obsolescência da Torá como demarcadora da identidade comunitária judaica e do próprio povo judeu. Em vez disso, o pós-supersessionismo aborda a questão da continuidade da particularidade judaica e da relação de interdependência e bênção mútua entre judeus e gentios no Messias. Confira Korner, "Post-Supersessionism: Introduction, Terminology, Theology". *Religions* 2022, 13, 1195. <https://doi.org/10.3390/rel13121195>. Os editores da série são Brian Tucker e David Rudolph. Já foram publicados os comentários de Romanos (Brian Tucker), Apocalipse (Ralph J. Korner), Filipenses (Christopher Zoccali), Efésios e Colossenses (Lionel J. Windsor). Em breve serão publicados os comentários de Mateus (Anders Runesson), Marcos (Vered Hillel), Lucas-Atos (Mark Kinzer), 1 Coríntios (Kar Yong Lim), 2 Coríntios (James A. Waddell), Gálatas (Justin Hardin), Hebreus (David Moffitt) e 1 Pedro (Kelly D. Liebengood).

- Exclusivismo

-

Comentando sobre isso, Matthew Thiessen afirma que para ele:

Dunn e Wright erram ao defenderem que os judeus acreditavam que Deus os havia eleito e lhes dado a lei para separá-los das outras nações. Conseqüentemente, a observância da lei judaica, particularmente a circuncisão, o sábado e as leis alimentares, funcionavam como um distintivo de identidade que distinguia judeus de não-judeus. Nas leituras de Dunn e Wright, o judaísmo insistia que os gentios só poderiam desfrutar dos benefícios da aliança que os judeus possuíam ao se submeterem à circuncisão e à adoção da lei judaica. Ou seja, os gentios precisavam se tornar judeus. Foi esse etnocentrismo, de acordo com Dunn e Wright, que Paulo resistiu, pregando um evangelho anti-etnocêntrico que estava livre da observância de tais ritos distintamente judaicos.³⁵

Contudo, deve-se ressaltar que a descrição do problema de Paulo em relação ao judaísmo possui seus próprios desafios. Gager, por exemplo, questiona as críticas negativas de Dunn em relação ao judaísmo, argumentando que o foco de Dunn no orgulho étnico judaico resulta em uma dicotomia ultrapassada e anti-histórica entre o particularismo judaico e o universalismo cristão.³⁶ Embora para a NPP seja indiscutível que Paulo era 'judeu', há debates sobre que tipo de judeu ele era e qual é o significado disso para a compreensão de suas cartas. Kathy Ehrensperger, em seu recente artigo intitulado "*Paul the Jewish Apostle to the Nations: Key Aspects of the Paul within Judaism Perspective*" (Early Christianity, Volume 14, 2023 Mohr Siebeck), argumenta que a NPP repete padrões anteriores de antagonismo entre a mensagem de Cristo e as tradições judaicas, ao dividir essas tradições em aspectos "bons" e "ruins". Ehrensperger afirma também que é anacrônico estabelecer duas versões do judaísmo, dado sua diversidade. Além disso, as caracterizações de Paulo como um judeu desviante, como apóstata, judeu radical, judeu anômalo ou judeu marginal, ressoam com rótulos atribuídos a Jesus, sugerindo a existência de uma forma normativa de tradição judaica da qual ambos teriam se diferenciado. No entanto, historicamente, não há evidência para tal "judaísmo" normativo durante o período do Segundo Templo, tornando questionável a diferenciação de Paulo de algo que simplesmente não existia.³⁷

Os acadêmicos envolvidos na PwJ buscam criar uma estrutura conceitual que não interprete o judaísmo como "o outro", em oposição ao cristianismo (que muitas vezes é considerado superior e sem falhas em comparação). E se, ao invés de destacar as deficiências

³⁵ Matthew Thiessen, "Paul and the Gentile Problem" (Oxford University Press, 2018) 7.

³⁶ Gager, "Reinventing Paul" (Oxford University Press, 2002) 49.

³⁷ Kathy Ehrensperger, "Paul the Jewish Apostle to the Nations: Key Aspects of the Paul within Judaism Perspective (Early Christianity Volume 14, 2023 Mohr Siebeck).

do judaísmo, o objetivo de Paulo fosse demonstrar como os gentios, através de Cristo e do dom do Espírito, estão agora sendo unidos ao povo de Israel sem se tornarem judeus, enquanto ele próprio vivia como um judeu ‘messiânico’ dedicado e observante da Torá até sua morte? Uma leitura de Paulo a partir dessa perspectiva levanta uma nova série de questões que devem ser consideradas, o que tem levado muitos estudiosos a rejeitarem dicotomias simplistas que colocam o judaísmo como particularista e o cristianismo como universalista. Isaac W. Oliver, um brasileiro e professor associado do Departamento de Filosofia e Estudos Religiosos da Bradley University, observa:

Pode-se argumentar que algumas formas de judaísmo, especialmente o judaísmo rabínico, são mais universalistas, uma vez que a crença rabínica dominante, consagrada no conceito das leis de Noé, não exige que os não-judeus se convertam ao judaísmo para encontrar favor perante o Deus de Israel. Os não-judeus precisam apenas observar sete mandamentos que são de cunho ético (abster-se de adultério, roubo, derramamento de sangue, etc.). Os gentios não precisam se tornar judeus para serem justos ou desfrutarem da bem-aventurança eterna. Tradicionalmente, o cristianismo tem sido considerado uma religião universalista por causa de sua ambição evangelística de espalhar as “boas novas” até os confins da terra, em conformidade com a comissão registrada no Novo Testamento de pregar a mensagem de Jesus a todas as nações. Para ser salvo, deve-se confessar Jesus como Senhor e salvador. Como diz a famosa frase em latim, *extra Ecclesiam nulla salus* (fora da igreja não há salvação). Com base nesse critério exclusivista exigido para a salvação, que em teoria deixa os incrédulos sem esperança, o cristianismo pode ser considerado uma religião particularista. Tanto o cristianismo quanto o judaísmo podem ser aclamados como religiões “universalistas” ou “particularistas”. Tudo depende da definição de tais termos.³⁸

A PwJ evita as interpretações anti-legalistas e anti-etnocêntricas que colocam Paulo em oposição ao judaísmo. Nesse sentido, a corrente PwJ considera que a posição de Paulo em relação aos gentios é uma mistura paradoxal de pensamentos exclusivistas e inclusivistas. Por um lado, os gentios são incluídos através do Messias no reino de Deus que está próximo - um pensamento inclusivista. Por outro lado, a semente de Abraão (gentios) não pode se tornar a semente de Isaque (judeus) por meio de um ritual de conversão, assim como a semente de Isaque (os israelitas) não pode se tornar a semente de Arão (sacerdotes) por meio de um ritual de conversão - um pensamento exclusivista. O reino de Deus inclui os gentios como a semente de Abraão, ao mesmo tempo que os exclui dos direitos e privilégios da Torá, que é exclusivamente o patrimônio da semente de Israel por meio de Isaque. Portanto, não é a inferioridade da Torá que motiva a rejeição de Paulo em relação aos gentios, mas exatamente sua superioridade e atribuição como um privilégio somente para a semente de Israel através de Isaque.³⁹

³⁸ Oliver, “Luke’s Jewish Eschatology: The National Restoration of Israel in Luke-Acts” (Oxford University Press, 2021) 15.

³⁹ Christine Hayes, *What's Divine about Divine Law*. pg 150-51

4.1 Dez principais premissas da Paulo dentro do Judaísmo

Com base no recente artigo de Paula Fredriksen intitulado "What Does It Mean to See Paul "within Judaism?" (Journal of Biblical Literature, 2022), podemos enfatizar algumas premissas principais que são centrais para a corrente Paul Within Judaism:

- Paulo nunca deixou o Judaísmo, Paulo sempre se considerou judeu, mesmo após tendo reconhecido Jesus como o Messias.
- A lei não era o oposto do evangelho. A lei era muito do conteúdo do evangelho. Não havia um “evangelho sem lei”.
- Paulo não era ‘cristão’, então ele Paulo não se converteu, de forma semelhante, judeus que reconheciam a Jesus como Messias também não estavam se “convertendo” e mudando de religião.
- O movimento de Paulo estava dentro do judaísmo, sendo este uma espécie de “*judaísmo apostólico*”, onde o mesmo buscava promover uma reforma interna, e não uma ruptura.
- A maior parte dos ensinamentos de Paulo, são direcionados a gentios que eram seguidores de Jesus. Os não-judeus são os destinatários assumidos das cartas de Paulo, em vez de uma audiência universal. Como apóstolo dos pagãos, o destino de Israel ainda assim motiva a missão de Paulo. Os escritos de Paulo devem ser entendidos dentro de um contexto judaico onde o “você” em alguns casos está se referindo a não-judeus.⁴⁰

⁴⁰ Veja Campbell, “Deliverance of God”, 574–575; Neil Elliott, “The Rhetoric of Romans: Argumentative Constraint and Strategy and Paul’s Dialogue with Judaism” (JSNTSup 45; Sheffield: JSOT Press, 1990) 132–141; Stowers, “Rereading of Romans”, 158–166; Runar M. Thorsteinsson, “Paul’s Interlocutor in Romans 2: Function and Identity in the Context of Ancient Epistolography” [CBNTS 40; Stockholm: Almqvist & Wiksell, 2003] 236–237. Matthew Thiessen, “Paul’s Argument against Gentile Circumcision in Romans 2:17–29” (2014, Novum Testamentum), “The So-Called Jew in Paul’s Letter to Romans” (Fortress Press, 2016). Andrew Rillera em 2021, em sua tese de dissertação de doutorado, “Paul’s Philonic Opponent: Unveiling the One Who Calls Himself a Jew in Romans 2:17”, também oferece uma solução para vários problemas interpretativos surgidos no início da carta de Paulo aos Romanos, seguindo Runar M. Thorsteinsson e Matthew Thiessen, Rillera defende que em Rm 2:17–29 Paulo está lidando com um interlocutor gentio, que se considerava erroneamente como um judeu.

- As declarações negativas de Paulo sobre a Torá são dirigidas a não-judeus que erroneamente pensavam que tinham que se tornar como judeus para serem salvos. A Torá pertence apenas ao povo judeu. Os não-judeus devem se relacionar com Deus como não-judeus tementes a Deus, conforme estipulado no Decreto Apostólico (Atos 15).
- Paulo não introduziu uma dicotomia entre fé e obras, como tem sido afirmado por outras perspectivas acadêmicas.
- Paulo era um ‘monolatra’, ele não era um “monoteísta”. Ele era uma pessoa normal do primeiro século que sabia que o mundo estava cheio de deuses.
- “Cristãos” não são uma “terceira raça (*tertium genus*)”. Em contraste com outras perspectivas como a NPP, “o evento de Jesus” não redefiniu quem é Israel nem apagou identidades étnicas.
- Paulo não era um judeu “*anômalo*”.⁴¹ Paulo procurou guardar a lei e seguir Jesus, que ele acreditava ser o Messias. Um Paulo judeu. Não um judeu anômalo, não um judeu radical, não um judeu marginal. Apenas um judeu vivendo sua vida e seguindo seu chamado na diversidade e riqueza do judaísmo do primeiro século.⁴²

4.2 O Ponto de Partida : O Paulo de Atos e sua Observância a Torá

⁴¹ Veja Paula Fredriksen; “What Does It Mean to See Paul “within Judaism”?” (*Journal of Biblical Literature* June 2022; 141 (2): 359–380. <https://doi.org/10.15699/jbl.1412.2022.9>. Fredriksen questiona as ‘novas perspectivas sobre Paulo 2.0’, para ela, apesar de tentarem superar formas mais duras do velho contraste Paulo versus legalismo judaico, ainda assim as novas perspectivas retêm formas mais suaves desta caricatura supersessionista. Um de seus alvos é o livro de 2016 de Michael Bird, “An Anomalous Jew” (William B. Eerdmans, 2016). Ela escreve “O Paulo da Nova Perspectiva 2.0, se não mais ativamente anti-νόμος, é no mínimo ‘anômalo’; judeu, mas não muito Judeu”, e o livro de Bird aparece com destaque na nota de rodapé (361). Seu outro alvo é John Barclay. É de Barclay a origem do termo “anomalous jew” - (Barclay, *Jews in the Mediterranean Diaspora*) 91.

⁴² Matthew Thiessen, “A Jewish Paul: The Messiah's Herald to the Gentiles” (Baker, 2023).

A abordagem inicial comum adotada pelos defensores da Paul Within Judaism é investigar a judaicidade de Paulo através do livro de Atos. Essa escolha se baseia no fato de que, segundo eles, Lucas, autor do livro de Atos, constantemente se preocupa em descrever a conexão de Paulo com o judaísmo:

- Em Atos 22–28, Paulo enfatiza que ele é fiel à sua herança judaica em todos os sentidos.
- Ele é um judeu zeloso pelo Deus de Israel e é observador da Torá (21:20–26; 22:1–3; 23:1, 5; 26:4–5).
- Paulo está sendo julgado por causa de sua lealdade à promessa feita por “Deus aos nossos antepassados, a promessa que nossas 12 tribos esperam alcançar”.
- Ele circuncida Timóteo (16:1–5), celebra festas judaicas e participa dos rituais do templo de Jerusalém (21:23–27; 22:17; 24:11–14).

Entretanto em Atos 21:20–21 vemos um caso onde alguns rumores sobre a desobediência de Paulo a lei de Moisés começam a surgir:

Ouvindo isso, eles glorificaram a Deus e disseram-lhe: Bem vês, irmão, quantos milhares de judeus têm crido, e todos são zelosos da lei. Eles têm sido informados a teu respeito, de que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a se afastarem de Moisés, dizendo que não circuncidem seus filhos nem andem segundo os costumes da lei.

Havia rumores circulando sobre a suposta infidelidade de Paulo aos costumes ancestrais de Israel, e por isso Tiago o aconselha a ir ao Templo e oferecer sacrifícios em conjunto com alguns nazireus. Dessa forma, essa ação demonstraria ainda mais a fidelidade de Paulo à observância da Lei de Moisés:

Faze, pois, o que te dizemos: Há quatro homens que fizeram um voto. Leva esses homens contigo e purifica-te com eles, paga por eles as despesas para que rapem a cabeça. Assim todos saberão que aquilo que ouviram a teu respeito é falso, mas que também tu mesmo andas corretamente, guardando a lei. Todavia, já escrevemos quanto aos gentios que têm crido, dando o parecer de que se abstenham do que é sacrificado aos ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e da imoralidade. No dia seguinte, Paulo levou consigo aqueles homens, purificou-se com eles e entrou no templo, notificando o cumprimento dos dias da purificação, quando seria feita a oferta a favor de cada um deles. - Atos 21:23-26

Comentando sobre esta passagem em sua monografia, Rudolph conclui:

O Templo era um lugar santo, onde as pessoas faziam juramentos para resolver controvérsias. Em Atos 21:26, Paulo testifica publicamente, diante de Deus e do altar, que os rumores sobre ele são mentirosos e que ele continua sendo um judeu observador da Torá. Suas ações rituais neste lugar sagrado são o equivalente a um testemunho juramentado para esclarecer essa questão de uma vez por todas.⁴³

Sendo assim, de acordo com a Pwj, o relato em Atos indica que Paulo manteve sua lealdade aos costumes e ao povo judeu até o fim de sua vida. Em nenhum momento ele ensinou que os judeus deveriam abandonar a Torá, mesmo após terem reconhecido Jesus como o Messias de Israel. Vários comentaristas modernos concordam que Lucas se empenha em retratar Paulo como um judeu fiel, e assim rejeitam as acusações de infidelidade. Levando em conta as antigas noções de etnicidade, que incluíam costumes compartilhados, família, terra, língua, deuses e cultos, o Paulo de Lucas pode ser visto como um exemplo marcante da importância da sua identidade étnica judaica.

Craig Keener argumenta que os discursos de defesa de Paulo em Atos revelam que ele não era contrário ao seu povo (13:26; 28:19), à Lei (13:27; 22:12; 23:3; 24:14; 26:22; 28:23) ou mesmo ao Templo (21:26; 22:17).⁴⁴ Isaac Oliver comenta que o Paulo de Atos assume que os judeus dentro do movimento de Jesus vão e devem continuar a ler e observar a Torá.⁴⁵ Seguindo essa linha Joshua Jipp afirma que:

O Paulo de Lucas, é uma testemunha contra as formas supersessionistas de teologia cristã que dispensaram o significado contínuo da eleição de Deus a Israel, que veem o cristianismo ou a igreja como substitutos do judaísmo, e que denigrem o judaísmo como particularista e agora superado pelo evangelho universal de Paulo.⁴⁶

4.3 A Importância da Terminologia

Para entender adequadamente a figura de Paulo, é fundamental utilizar uma terminologia precisa e apropriada. Os estudiosos PwJ observam que grande parte da

⁴³ David J. Rudolph, "A Jew to the Jews: Jewish Contours of Pauline Flexibility in 1 Corinthians 9:19-23, Second Edition (Pickwick Publications, 2016) 63.

⁴⁴ Craig S. Keener, "Acts: An Exegetical Commentary": 15:1–23:35 (vol. 3; Grand Rapids: Baker, 2014) 3146–3147.

⁴⁵ Isaac W. Oliver, "Torah Praxis after 70 C.E.: Reading Matthew and Luke-Acts as Jewish Texts." P.h.D thesis (University of Michigan, 2012) 186.

⁴⁶ Joshua Jipp, "The Paul of Acts Proclaimer of the Hope of Israel or Teacher of Apostasy from Moses" (Novum Testamentum 2020).

linguagem utilizada nessas pesquisas está carregada de perspectivas ideológicas cristãs que podem distorcer as conclusões históricas, resultando em uma representação enganosa e negativa do judaísmo. Para ilustrar essa questão, podemos citar a linguagem de conversão (“Paulo se converteu ao cristianismo no caminho de Damasco”, os pares de oposição que seguem a tradição luterana (como graça versus obras) e termos anacrônicos como "igreja" e "cristianismo" que não refletem a realidade histórica do primeiro século. Diante disso, muitos especialistas abandonaram esses termos e sugerem expressões mais precisas e adequadas, como "judeus crentes em Jesus" e "gentio crentes em Jesus", em vez de utilizar a designação genérica de "cristãos". Dessa forma, é possível promover uma análise mais acurada e objetiva

Mark Nanos e Anders Runesson propõem o termo "judaísmo apostólico"⁴⁷ como uma denominação mais adequada para o movimento de Jesus, no qual Paulo foi um membro ativo. Conforme essa sugestão afirma, o judaísmo apostólico pode ser considerado como um dos vários tipos de judaísmo existentes, tais como o farisaico, o essênio, o saduceu e, posteriormente, o rabínico.

Runesson questiona se os primeiros seguidores de Jesus teriam reconhecido a si mesmos como pertencentes ao termo “cristianismo”, a palavra companheira de “cristãos”. O termo grego *christianismos* não ocorre no Novo Testamento; Paulo não oferece nenhuma evidência de que ele já tinha ouvido falar de “cristianismo” como uma nova religião. Paulo não fala de si mesmo nem descreve os outros como *christianoi*. Embora Atos 11:26, 26:28 e 1 Pedro 4:16 usem o termo "cristãos", Runesson alega que não há evidência de que *christianoi* tivesse um significado de distinção em relação ao judaísmo, como pode ser entendido atualmente. No contexto do século I, *christianoi* não significava um grupo distinto do judaísmo. As poucas ocorrências do termo "cristãos" no primeiro século se referiam aos membros do movimento judaico de Jesus, e o primeiro uso de *christianismos* para se referir a uma nova religião só aconteceu no início do segundo século.⁴⁸

Anders Runesson destaca a importância da terminologia em nossa compreensão do passado, afirmando que as palavras que usamos influenciam a maneira como pensamos. Portanto, ao reconstruir e traduzir a história, é essencial considerar cuidadosamente a linguagem utilizada. Evitar anacronismos e repensar a forma como falamos sobre o passado

⁴⁷ Anders Runesson, “Paul within Judaism: Restoring the First-Century Context to the Apostle” (Fortress Press, 2015) 67.

⁴⁸ *Ibidem*.

pode levar a descobertas surpreendentes e permitir que novas paisagens históricas sejam exploradas.⁴⁹

4.5 Paulo, o Convertido?

Krister Stendahl foi um dos primeiros a questionar a suposta noção de uma "identidade cristã" específica de Paulo.⁵⁰ Ele argumentou que a "conversão" de Paulo deveria ser vista como um chamado dentro do contexto judaico, em vez de uma mudança de uma religião para outra. Stendahl comparou o chamado de Paulo ao chamado de Jeremias, sugerindo que ambos foram chamados a uma missão dentro do seu universo simbólico judaico:

A palavra do Senhor veio a mim: Antes que eu te formasse no ventre te conheci, e antes que nascesses te consagrei e te designei como profeta às nações — (Jeremias 1:4–5). Quando Deus, porém, que desde o ventre de minha mãe me separou e me chamou pela sua graça, se agradou em revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios. —(Gálatas 1:15–16)

A noção de ser especialmente escolhido antes mesmo de nascer, para falar em nome de Deus, é comum tanto a Jeremias quanto a Paulo. Stendahl argumenta que aquelas passagens em que cristãos defendem que Paulo está falando da sua “conversão”, na verdade são sobre o chamado de Paulo para uma nova vocação, ou seja, como um apóstolo judeu para os gentios.⁵¹

A narrativa de Paulo sobre seu encontro com Jesus ressuscitado em Gálatas 1 apresenta semelhanças com a descrição de alguns profetas hebreus no momento em que foram chamados por Deus. Isso significa que o chamado de Paulo no caminho de Damasco, conforme relatado em Atos 9, possui características literárias e imaginárias semelhantes às dos chamados proféticos. Esses chamados divinos eram frequentemente concedidos a indivíduos que já estavam inseridos no judaísmo e visavam capacitá-los para uma missão específica. No livro "The Oxford Handbook of Pauline Studies", Paula Fredriksen comenta sobre a imagem de “Paulo convertido”:

Paulo viu a mensagem de Cristo como absolutamente sinônima de suas tradições e escrituras nativas, portanto conectada com as promessas ‘irrevogáveis’ de Deus a Israel, seus ‘parentes de raça’ (Rm 11:19; 9:3; cf. 15:8). O Encontro com Jesus [O Messias] na estrada de Damasco trouxe novas descobertas profundas para Paulo ...

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Stendahl, “Paul Among Jews and Gentiles” (Augsburg Fortress, 1976).

⁵¹ Ibidem.

mas [tudo] ocorreu dentro da estrutura do judaísmo. Assim, pensar em Paulo como um 'convertido' obscurece a própria perspectiva em que ele se via. Qualquer que seja sua suposta utilidade como termo ético, 'convertido' tira Paulo de seu próprio contexto cultural, histórico e religioso. Paulo foi chamado ou convertido, então, para a missão gentia? Para evitar anacronismos e falsos contrastes, a melhor avaliação é 'chamado'.⁵²

5. Diálogo entre a Paulo dentro do Judaísmo com o Judaísmo Messiânico

O mundo cristão tem reconhecido cada vez mais a legitimidade do Judaísmo Messiânico. Este é um desenvolvimento significativo na história do cristianismo. Esforços estão sendo realizados para encontrar maneiras de lidar com a "separação dos caminhos".⁵³ Na segunda edição de seu livro *Partings of the Ways*, James Dunn lamenta o desaparecimento do "cristianismo judaico", uma vez que "preenchia amplamente o meio-termo que se abria entre os dois caminhos divergentes". Ele chama a atenção para o ressurgimento moderno dos judeus messiânicos, observando que eles são repudiados igualmente pelas lideranças cristãs e judaicas hoje.⁵⁴

Os estudiosos da PwJ possuem abordagens divergentes em relação aos judeus messiânicos. Enquanto alguns desconfiam desse movimento, a maioria percebe-o com fascínio e admiração, pois seu trabalho acadêmico é muito apreciado. Há um aumento na criação de espaços para essas duas comunidades se encontrarem e colaborarem, como as conferências organizadas pela Society for Post-Supersessionist Theology. Além disso, vários estudiosos da PwJ estão envolvidos ativamente em empreendimentos educacionais de interesse comum, que buscam a interseção entre as relações judaico/cristã/messiânicas.⁵⁵

O rabino David J. Rudolph⁵⁶ é um estudioso da PwJ e um judeu messiânico respeitado, e, portanto, atua como uma ponte entre as duas configurações. Em sua contribuição no livro "Introduction To Messianic Judaism (Zondervan)", ele argumenta que o "judaísmo messiânico é uma continuidade das primeiras comunidades judaicas que acreditavam em Jesus".⁵⁷ Aquilo que Nanos e Zetterholm nomeiam como "judaísmo apostólico", Rudolph encara como as origens do judaísmo messiânico. Além disso, é

⁵² Fredriksen, "Paul the 'Convert'?" em *The Oxford Handbook of Pauline Studies* (Oxford University Press, 2022) 37.

⁵³ Veja Isaac Oliver, "The Parting of the Ways: When and How Did the Ekklesia Split from the Synagogue" em *The Jewish Roots of Christianity*, (Lexham, 2021).

⁵⁴ Dunn, *Partings of the Ways: Between Christianity and Judaism and Their Significance for the Character of Christianity* (SCM Press, 2006) xxi.

⁵⁵ Confira o canal do Youtube da Society for Post-Supersessionist Theology (<<https://www.youtube.com/channel/UC3XLiEdRapvXJem6BtI9Bw>>)

⁵⁶ David Rudolph (PhD, Cambridge University) é Diretor de Estudos Judaicos Messiânicos e Professor de Novo Testamento e Estudos Judaicos na The King's University em Southlake, Texas. Publicou vários livros e artigos sobre o Novo Testamento, Judaísmo do Segundo Templo e as relações judaico-cristãs.

⁵⁷ *Introduction To Messianic Judaism* (Zondervan Academic, 2013) 19.

importante mencionar Jen Rosner como outra figura significativa na conexão entre PwJ e judeus messiânicos. Em seu livro mais recente "Finding The Messiah", Rosner demonstra uma postura bastante favorável às premissas da PwJ.⁵⁸

Embora os judeus messiânicos possuam diferenças internas significativas, as conversas com estudiosos da PwJ podem ser muito enriquecedoras, ajudando a delinear ainda mais a importância da identidade judaica na ekklesia. Um dos principais tópicos de debate entre os messiânicos é até onde devem ir em sua prática do judaísmo e como isso se relaciona com sua nova fé. Há discussões sobre até que ponto devem manter as práticas e tradições judaicas de seus antepassados.⁵⁹

Recentemente, Jennifer Nyström abordou em sua tese de doutorado intitulada "Reading Romans, Constructing Paul(s): A Conversation between Messianic Jews in Jerusalem and Paul within Judaism Scholars"⁶⁰ um diálogo entre estudiosos da Paul within Judaism com judeus messiânicos que moram em Israel. Ela demonstrou como os judeus messiânicos ainda são influenciados por lentes supersessionistas ao lerem o Novo Testamento. De fato, muitas comunidades judaico-messiânicas ainda não foram totalmente "desintoxicadas" do antijudaísmo cristão, que foi dominante nos estudos cristãos neotestamentários por séculos. Para Nyström, os judeus messiânicos têm muito a aprender com os estudiosos da PwJ, especialmente em relação à terminologia e retórica, a fim de promover uma leitura pós-supersessionista de Paulo. Um exemplo disso é a frequente depreciação do termo "legalismo", que mesmo entre os círculos judaicos messiânicos, ainda existe muito receio e equívocos sobre o seu significado. Barbara Meyer comenta sobre a depreciação desse termo da seguinte forma:

“O antijudaísmo hoje é expresso principalmente na depreciação teológica sutil da lei”.⁶¹

6. Esclarecimentos sobre a Paulo dentro do Judaísmo

⁵⁸ Rosner, Finding the Messiah (IVP, 2022) pg 158-171.

⁵⁹ O que a modernidade considera como “religião” a antiguidade chamava de “costume ancestral”: *paradosis tōn paterōn* (cf. *hoi patrikōn mou paradoseis*, Gal 1:14), *ta patria ethē*, *mos maiorum*, *hoi patrioi nomoi*. Pensar com o termo “religião” leva ao anacronismo. Na antiguidade, os deuses corriam no sangue. As relações entre o céu e a terra, para os judeus como para todos os outros povos, eram comumente configuradas ao longo de linhas étnicas: culto era uma designação étnica e etnicidade era uma designação de culto. Os deuses normalmente revelavam os protocolos pelos quais deveriam ser honrados e seus humanos herdavam esses protocolos através das gerações. Veja Thiessen, M., & Fredriksen, P. (2021). Paul and Israel. The Oxford Handbook of Pauline Studies, 370–388. <https://doi.org/10.1093/OXFORDHB/9780199600489.013.34>

⁶⁰ Nyström, J. (2021). [Reading Romans, Constructing Paul\(s\): A Conversation between Messianic Jews in Jerusalem and Paul within Judaism Scholars. Lund University](#)

⁶¹ Barbara Meyer, “Jesus the Jew in Christian Memory: Theological and Philosophical Explorations” (Cambridge University Press, 2020) 51.

A perspectiva da PwJ não busca afirmar que a Igreja cristã se tornou falsa e pagã ao se afastar de suas raízes judaicas do primeiro século, nem está associada a movimentos neo-judaizantes como Hebrew Roots/One Law⁶². Pelo contrário, a PwJ não apoia a imposição da observância da lei aos gentios da mesma forma que os judeus a observam⁶³, ao passo que procura também lidar com teologias supersessionistas que desprezam o judaísmo, o que acaba levando à "gentilização" e "cristianização" dos judeus, através de formas de espiritualização, estigmatização e desconstrução da identidade judaica. Ao mesmo tempo, a perspectiva PwJ se opõe à judaização dos gentios, mantendo-se equilibrada em relação a esses dois erros. Seu objetivo é descobrir a verdadeira identidade do "novo Homem" apresentado em Efésios, e para isso, a presença de judeus e gentios na igreja é essencial para uma manifestação genuína do "mistério" da união diádica do "Novo Homem" em Jesus.

Assim, as identidades "cristã gentia" e "judaica messiânica" são preservadas, em vez de uma substituir a outra. O Novo Homem representa a reconciliação de judeus messiânicos e gentios cristãos em Jesus, e uma visão unificada para construir juntos o "santo templo" de Deus, uma "morada espiritual de Deus". Como em um casamento, os dois se tornam um, mas ainda permanecem distintos. A PwJ busca uma abordagem equilibrada e sensível para

⁶² Os Movimentos neo-judaizantes Hebrew Roots e One Law acreditam que todas as igrejas deveriam, idealmente, parecer sinagogas messiânicas. Esses movimentos sustentam que a torá se aplica a judeus e gentios da mesma maneira. Aqueles que sustentam essa visão estão comprometidos a viver uma fé cujos sinais são: guardar o sábado no sétimo dia, observar as "festas" descritas em Levítico 23, e não comer alimentos impuros descritos em Levítico 11. Eles consideram os cristãos que violam esses mandamentos como obreiros da iniquidade. Os proponentes da Hebrew Roots e One Law veem a Igreja como apóstata, e eles vêem isso porque pensam que cristãos absorveram práticas pagãs, ao adorarem no domingo, se curvarem às árvores de Natal em 25 de dezembro e celebrarem a Páscoa. Uma vez que essa visão suspeita do ensino da igreja, isso às vezes leva a uma reavaliação da divindade de Jesus, a trindade de Deus e a confiabilidade dos escritos de Paulo. *Reviving the Reformation*, de Daniel Lang, e *Our Bible Too*, de Jeffrey Dandoy, são exemplos de obras que caminham nessa direção.

⁶³ Os proponentes da PwJ defendem uma espécie de "eclesiologia bilateral" (termo criado por Kinzer), Essa perspectiva propõe uma variação eclesiológica definida pela Torá onde os judeus (crentes) continuam observadores da Torá por uma questão de vocação e fidelidade à aliança, enquanto os gentios também não estão livres da Torá. Todavia, a maneira que os gentios observam a Torá não é da mesma forma que os judeus. Portanto, textos como Atos 15, Atos 21 e 1 Cor 7:17-24 são centrais. Atos 15:19-20 definindo no primeiro concílio da igreja em Jerusalém "que não se deve perturbar os que dentre os gentios se convertem a Deus mas escrever a eles que se abstenham das contaminações dos ídolos, da imoralidade, da carne de animais sufocados e do sangue"; Atos 21 mostrando o testemunho público de um Paulo observador da lei diante de Deus e testemunhas nos pátios do templo e 1 Coríntios 7:17-24 definindo a "regra de Paulo para todas as igrejas". Veja Rudolph, Paul's "Rule in All the Churches" (1 Cor 7:17-24) and Torah-Defined Ecclesiological Variegation Studies in Christian-Jewish Relations 5 (2010): 1-23; Rudolph Was Paul Championing a New Freedom from—or End to—Jewish Law? Understanding the Jewish Roots of Christianity: Biblical, Theological, and Historical Essays on the Relationship between Christianity and Judaism (Lexham, 2021) 33-50; Kinzer e Rosner, "Israel's Messiah and the People of God: A Vision for Messianic Jewish Covenant Fidelity (Cascade, 2011); Michael Wyschogrod, *Abraham's Promise: Judaism and Jewish-Christian Relations*, ed. R. Kendall Soulen (Grand Rapids: Eerdmans, 2004), 194; Isaac W. Oliver, "Torah Praxis after 70 C.E.: Reading Matthew and Luke-Acts as Jewish Texts." P.h.d thesis (University of Michigan, 2012).

promover a união entre judeus e gentios na igreja, mantendo a autenticidade de suas respectivas identidades.⁶⁴

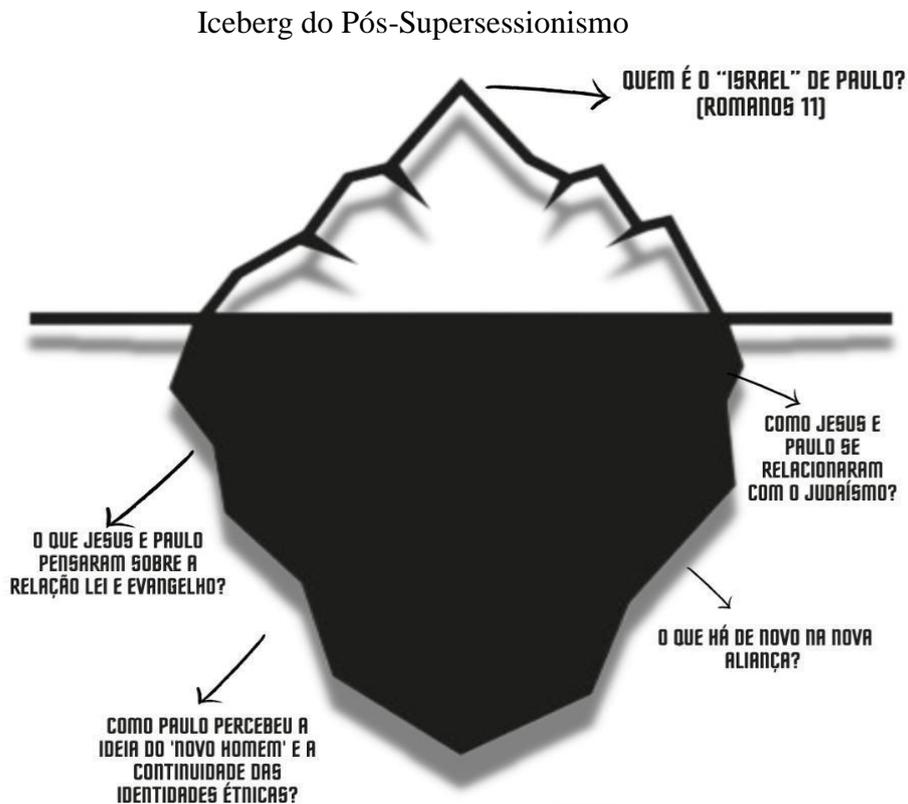
Uma das finalidades da PwJ é que os cristãos reconheçam as fortes raízes judaicas que o cristianismo possui e removam suas "lentes culturais" ao lerem o Novo Testamento. Isso implica em entender que Paulo era diferente e estranho em relação aos cristãos ocidentais do século XXI e que não podemos aplicar seus ensinamentos aos dilemas do cristianismo moderno sem compreender o mundo judaico em que ele estava inserido. Repensar a mensagem de Paulo nos leva a repensar a mensagem que proclamamos e entender que o judaísmo e o cristianismo como os conhecemos hoje não existiam como tradições separadas durante os primeiros séculos.

A The Society for Post-Supersessionist Theology tem desenvolvido um entendimento de que rejeitar o supersessionismo vai muito além de simplesmente objetar à ideia problemática da 'Igreja como o novo Israel'. Portanto, é necessário aplicar as lentes pós-supersessionistas a todas as partes do Novo Testamento, não somente a Romanos e Apocalipse. Leituras JwJ e PwJ colaboram para esse exercício. O desafio pós-supersessionista não se limita à escatologia e exige uma análise cuidadosa das implicações da relação entre a lei e o evangelho, bem como da continuidade das identidades étnicas. Sendo assim, segundo os proponentes de abordagens pós-supersessionistas, não faz sentido adotar uma leitura pós-supersessionista de Romanos 11 e, em contrapartida, ler Hebreus e Gálatas de forma supersessionista. Segundo eles, muitos cometem este erro sem ao menos perceberem.⁶⁵ É por

⁶⁴ Para uma pesquisa apurada sobre "tertium genus", e a continuidade das identidades sociais, veja Andrew Rillera, "Tertium Genus or Dyadic Unity? Investigating Sociopolitical Salvation in Ephesians" (Biblical Research 2021); David Rudolph, "One New Man, Hebrew Roots, Replacement Theology" (The King's Collective, The King's University 2021); Lionel J. Windsor, "Reading Ephesians and Colossians after Supersessionism (New Testament After Supersessionism Series); Tet-Lim N Yee, "Jews, Gentiles and Ethnic Reconciliation: Paul's Jewish Identity and Ephesians" (Cambridge University Press 2008); Yong Lim, "Remain in the Calling in Which You Were Called (1 Cor 7:20): A Post Supersessionist Reading of 1 Corinthians" (Religions 14:183, 2023); Zoccali, "Jews, Gentiles, and 'in Christ' Identity: A Post-Supersessionist Reading of Philippians " (Religions 14:131, 2023); Matthew Thiessen, "The Construction of Gentiles in the Letter to the Ephesians" em The Early Reception of Paul the Second Temple Jew (T&T Clark, 2018); Brian Tucker, "Reading 1 Corinthians" (Cascade, 2017); William S. Campbell, "Romans: A Social Identity Commentary" (T&T Clark, 2023).

⁶⁵ Veja R. Kendall Soulen, "The God of Israel and Christian Theology" (Minneapolis: Fortress, 1996), 11–12: "Se a igreja reconhece a realidade permanente da eleição corporativa de Israel, naturalmente espera que os judeus batizados mantenham fielmente sua identidade judaica. Mas se a igreja realmente acredita que substituiu a aliança de Deus com Israel, proibirá ou desencorajará os judeus de preservar sua identidade como judeus e membros do povo judeu. Em suma, o problema do supersessionismo gira em torno da capacidade da igreja de reconhecer o significado religioso permanente da eleição corporativa de Israel e, portanto, o significado religioso permanente da distinção entre gentios [batizados] e judeus [batizados]. Uma vez que a igreja não insistiu que os judeus mantivessem sua identidade mesmo na igreja, [então, de acordo com Michael Wyschogrod] "pode-se inferir que a igreja sustenta seriamente que sua eleição substituiu a do antigo Israel". Isso implica que mesmo aqueles que defendem uma escatologia e eclesiologia não-supersessionista, mas ainda consideram a observância

isso que novas pesquisas sobre o(s) judaísmo(s) do Segundo Templo, com abordagens positivas sobre a judaicidade de Jesus e de Paulo, têm se mostrado tão valiosas para promover leituras pós-supersessionistas das Escrituras.



6.1 Críticas

Como em qualquer abordagem acadêmica, é preciso estar atento aos limites e desafios da perspectiva PwJ. No livro “Paul within Judaism: Restoring the First-Century Context to the Apostle” (Fortress Press, 2015), Terence Donaldson apresenta suas críticas à perspectiva em questão, destacando a carência de propostas exegéticas mais sólidas até o momento (2015). Ele observou também que a suposição de que as cartas de Paulo se dirigem exclusivamente aos gentios é problemática. Além disso, ele ressalta a complexidade de se enquadrar Paulo e sua missão “dentro do judaísmo” e a importância de considerar quem está sendo localizado - Paulo, suas comunidades de *ethnē*-em-Cristo, judeus crentes em Cristo, outros judeus, outro *ethnē* ou observadores acadêmicos externos. Para Donaldson, essa questão é multifacetada e requer a consideração de três eixos: domínio (conceitual ou social), entidade (Paulo ou suas

da Torá como obsoleta ou opcional para judeus convertidos, ainda estão adotando uma perspectiva supersessionista.

comunidades) e perceptor (ponto de vista da determinação da localização).⁶⁶ Michael Bird também adverte que a PwJ carece de abordagens exegéticas mais sólidas em 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses e Hebreus.⁶⁷

É fundamental ressaltar que as abordagens JwJ e PwJ não são fixas ou invariáveis, mas sim fluidas e em constante evolução. Suas premissas são constantemente reavaliadas e criticadas internamente, e a busca por novas descobertas e uma compreensão mais profunda do contexto histórico, social e cultural em que Jesus e Paulo viveram é crucial para o aprimoramento das abordagens. A academia produz constantemente novas dissertações, artigos e ensaios que defendem a leitura exegética dessas perspectivas, permitindo que novas ideias sejam debatidas e desenvolvidas. Por essa razão, Gabriele Boccaccini afirma que "o potencial de tais abordagens está apenas começando a ser manifestado. Ainda temos um longo caminho a percorrer antes de compreender plenamente todas as suas implicações monumentais. Esse é o futuro dos estudos paulinos."⁶⁸ Ao abordar as significativas contribuições dessas novas abordagens, Craig Keener compartilha suas reflexões da seguinte maneira:

A recente abordagem Paulo dentro do Judaísmo é uma correção importante e mais completa das abordagens antigas que viam Paulo como líder de uma nova religião. Paulo compreendeu a chegada dos gentios no contexto das promessas bíblicas (Rm 4:17-18; 15:9-12). Se alguns outros judeus o consideravam um mau judeu, e se ele considerava que eles eram rebeldes contra o Messias, esse conflito não o afastava mais do judaísmo do que afastava os autores de Qumran (que muitas vezes descrevem o restante de Israel de forma ainda menos lisonjeira).⁶⁹

⁶⁶ Donalson, "A Critical Evaluation from a 'New Perspective' Perspective em Paul within Judaism: Restoring the First-Century Context to the Apostle" (Fortress Press, 2015) 176.

⁶⁷ Michael Bird, "An Anomalous Jew" (William B. Eerdmans, 2016) 24. No entanto, é importante ressaltar que novos comentários e ensaios "PwJ" sobre essas cartas são constantemente produzidos. Em relação à carta aos Hebreus, merecem destaque os ensaios de David Moffitt; Matthew Thiessen "Hebrews and the Jewish Law" (Brill); Jesper Svartvik, "Reading the Epistle to the Hebrews without Presupposing Supersessionism" (William B. Eerdmans Publishing); Lloyd Kim, "Polemic in the Book of Hebrews: Anti-Judaism, Anti-Semitism, Supersessionism?" (Princeton Theological Monograph Series 64). Já em relação à carta aos Gálatas, Justin Hardin vem produzindo novos ensaios e é válido mencionar a tese de doutorado de Ryan Collman, "Apostle to the foreskin: circumcision in the Letters of Paul" (University of Edinburgh, 2021); "Writing on the Edge: Paul's Use of Hyperbole in Galatians", de Charles Cruise (Pickwick, 2019), que é professor assistente de Novo Testamento no Trinity Evangelical Divinity School. Confira também Joel Willitts, "Paul the Rabbi of Messianic Judaism: Reading the Antioch Incident within Judaism as an Irreducibility Story". *Journal for the Study of Paul and His Letters* 6:2 (2016): 225-47"; Neil Martin, "Regression in Galatians: Paul and the Gentile Response to Jewish Law" (Mohr Siebeck, 2020); Todd A Wilson, "The Curse of the Law and the Crisis in Galatia: Reassessing the Purpose of Galatians". Em Filipenses, destaca-se o livro de Christopher Zoccali, "Reading Philippians after Supersessionism: Jews, Gentiles, and Covenant Identity". Já em 2 Coríntios, merecem destaque os trabalhos de James A. Waddell, Paul Duff e Jane Heath.

⁶⁸ Boccaccini, "Paul the Jew: Rereading the Apostle as a Figure of Second Temple Judaism" (Fortress Press, 2016) 11.

⁶⁹ Craig S. Keener, "Galatians: A Commentary" (Baker Academic, 2019), 244. Vale a menção de que apesar de visualizar a devida importância da abordagem, ainda assim Craig Keener não é um adepto da PwJ.

Mesmo com suas objeções evidentes e claras, ainda assim N.T. Wright reconhece que as leituras pós-supersessionistas (PwJ) de Paulo estão se tornando cada vez mais importantes para o futuro dos estudos paulinos: Esta posição denominada 'pós-supersessionista' está bem encaminhada para se tornar um novo 'consenso'".⁷⁰

Conclusão

Atualmente, estamos presenciando uma época de revisão das principais categorias teológicas cristãs, e uma parte crucial dessa análise está relacionada à relação entre o judaísmo e o cristianismo. Esse processo está sendo impulsionado pelos avanços notáveis no diálogo inter-religioso entre judeus e cristãos. A JwJ e a PwJ podem contribuir significativamente em algumas dessas reavaliações. No entanto, ainda há um longo caminho a ser traçado, essas abordagens ainda passarão por aprimoramentos e amadurecimento de suas premissas exegéticas. O avanço das pesquisas ao longo dos anos contribuirá para isto. Além disso, ainda há muito a ser compreendido sobre as implicações de algumas dessas revisões para a teologia cristã. Kendall Soulen alerta que a doutrina do supersessionismo moldou a narrativa e a estrutura doutrinária da teologia cristã clássica de forma profunda e sistemática, o que significa que a rejeição dessa doutrina exige a reavaliação de algumas categorias teológicas cristãs.⁷¹

As teologias pós-supersessionistas enfrentam o desafio de reavaliar a tradição cristã sem descartá-la, respeitando e dialogando com a teologia histórica. Certamente, Jesus é o nosso exemplo mais proeminente de como lidar com equívocos, excessos e erros de uma tradição de maneira equilibrada, moderada e saudável, sem precisar abandoná-la, invalidá-la ou descartá-la. Sendo assim, tais reavaliações podem trazer avanços significativos, principalmente se não precisarmos mais retratar o judaísmo de forma negativa para tornar o cristianismo atraente.

Em última análise, a compreensão do(s) judaísmo(s) do primeiro século pode trazer uma nova luz e perspectiva sobre a vida e ministério de Jesus e Paulo, bem como sobre a formação do cristianismo. Além disso, pode ajudar a derrubar barreiras culturais e religiosas

⁷⁰ N. T. Wright, "Paul and the Faithfulness of God" (Fortress Press, 2013), 1445.

⁷¹ Kendall Soulen, "The God of Israel and Christian Theology" (Minneapolis Fortress, 1996) 26.

que separam cristãos e judeus e promover um diálogo mais aberto e respeitoso entre as duas tradições, enquanto simultaneamente se respeita as diferenças. O reconhecimento do judaísmo dentro do 'cristianismo primitivo' pode ser uma ferramenta poderosa para combater a intolerância e o antissemitismo. Em resumo, estudar e entender o(s) judaísmo(s) do primeiro século pode ser uma fonte de enriquecimento e crescimento espiritual para cristãos e judeus, colaborando com a hospitalidade entre ambas tradições e produzindo uma compreensão mais profunda e amorosa da Bíblia e de Deus.

REFERÊNCIAS

NANOS & ZETTERHOLM(Eds.). *Paul within Judaism: Restoring the First-Century Context to the Apostle*. Minneapolis: Fortress Press, 2015.

CROSSAN, John Dominic. *The Historical Jesus: The Life of a Mediterranean Jewish Peasant*. HarperOne, 1991.

FREDRIKSEN, Paula. *What You See is What You Get: Context and Content in Current Research on the Historical Jesus*. *Theology Today*, v. 52, n. 4, p. 503-516, 1995.

FREDRIKSEN, Paula. *What Does It Mean to See Paul "within Judaism"?* *Journal of Biblical Literature*, v. 141, n. 2, p. 359-380, 2022.

FREDRIKSEN, Paula. *Paul the 'Convert'?* In *The Oxford Handbook of Pauline Studies*. Oxford University Press, 2022.

FREDRIKSEN, Paula. *Paul The Pagan's Apostle*. Yale University Press, 2018.

HAYES, Christine. *What's Divine about Divine Law*. Princeton University Press, 2015.

MEIER, John P. *Um Judeu Marginal*. Imago Editora, 2003.

OLIVER, Isaac. *Torah Praxis after 70 C.E.: Reading Matthew and Luke-Acts as Jewish Texts*. Doctoral dissertation, University of Michigan, 2012.

OLIVER, Isaac. *Luke's Jewish Eschatology: The National Restoration of Israel in Luke-Acts*. Oxford University Press, 2021.

- RUDOLPH, David. *A Jew to the Jews: Jewish Contours of Pauline Flexibility in 1 Corinthians 9:19-23*, Second Edition. Wipf and Stock Publishers, 2016.
- RUDOLPH, David. *One New Man, Hebrew Roots, Replacement Theology*. The King's Collective, The King's University, 2021.
- RUDOLPH, David. *Jesus and the Food Laws: A Reassessment of Mark 7:19b*. *Evangelical Quarterly*, v. 74, n. 4, p. 291-311, 2012.
- RUDOLPH & WILLITTS(Eds.). *Introduction To Messianic Judaism*. Zondervan Academic, 2013.
- SOULEN, R. Kendall. *The God of Israel and Christian Theology*. Fortress Press, 1996.
- THIESSEN, Matthew. *Paul and the Gentile Problem*. Oxford University Press, 2018.
- THIESSEN, Matthew. *A Jewish Paul: The Messiah's Herald to the Gentiles*. Baker Academic, 2023 (em breve).
- WRIGHT, N. T. *Jesus and the Victory of God*. Fortress Press, 1994.
- WRIGHT, N. T. *Paul and the Faithfulness of God*. Fortress Press, 2013.
- WRIGHT, N. T. *Justification: God's Plan Paul's Vision*. IVP Academic, 2016.
- BOCCACCINI, Gabriele. *Paul the Jew: Rereading the Apostle as a Figure of Second Temple Judaism*. Fortress Press, 2016.
- KEENER, Craig S. *Galatians: A Commentary*. Baker Academic, 2019.
- KEENER, Craig S. *Acts: An Exegetical Commentary: 15:1–23:35 (vol. 3)*. Grand Rapids: Baker, 2014, 3146–3147.
- BIRD, Michael. *An Anomalous Jew*. William B. Eerdmans, 2016.
- RILLERA, Andrew. *"Paul's Philonic Opponent: Unveiling the One Who Calls Himself a Jew in Romans 2:17."* Thesis Dissertation, 2021.
- RILLERA, Andrew. *Tertium Genus or Dyadic Unity? Investigating Sociopolitical Salvation in Ephesians*. Biblical Research, 2021.
- MEYER, Barbara. *Jesus the Jew in Christian Memory: Theological and Philosophical Explorations*. Cambridge University Press, 2020.

- NYSTRÖM, Joel. *“Reading Romans, Constructing Paul(s): A Conversation between Messianic Jews in Jerusalem and Paul within Judaism Scholars.”* Thesis Dissertation, 2021.
- ROSNER, Jen. *Finding the Messiah*. IVP, 2022.
- DUNN, James D. G. *Parting of the Ways: Between Christianity and Judaism and Their Significance for the Character of Christianity*. SCM Press, 2006.
- DUNN, James D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. Paulus Editora, 2011.
- STENDAHL, Krister. *Paul Among Jews and Gentiles*. Augsburg Fortress, 1976.
- JIPP, Joshua. *“The Paul of Acts Proclaimer of the Hope of Israel or Teacher of Apostasy from Moses.”* Novum Testamentum 2020.
- EHRENSPERGER, K.. *Paul the Jewish Apostle to the Nations: Key Aspects of the Paul within Judaism Perspective*. Early Christianity, 14. Mohr Siebeck 2023.
- EISENBAUM. *Paul Was Not a Christian*. HarperOne 2009.
- MCKNIGHT, S. & OROPEZA, B. J. (Eds.). *Perspectivas sobre Paulo, Cinco pontos de vista*. Thomas Nelson Brasil 2021.
- LEVINE, Amy-Jill. *The Misunderstood Jew: The Church and the Scandal of the Jewish Jesus*. HarperOne 2009.
- LUTERO, Martin. Sermon on the Cross and Passion of Christ. In *Martin Luther: Selection of Christian Writings*. Fortress Press 2007.
- SANDERS, E. P. *Paul and Palestinian Judaism: 40th Anniversary Edition*. Fortress Press 2017.
- GAGER, John G. *Reinventing Paul*. Oxford University Press 2002.